

# LUGARES BÍBLICOS DA PRESENÇA DE DEUS

## Espaços de encontro e experiência religiosa

Vicente Artuso

### Introdução

A habitação em tendas ou cabanas caracterizou a vida nômade dos pais e mães do povo de Deus. Eles peregrinavam em busca de melhores terras e pastagens. Acampar, para eles era a prática comum de fincar as estacas da tenda e depois de certo tempo partir levantando a tenda em busca de outros lugares<sup>1</sup>. Dessa matriz sociológica do nomadismo, ou melhor, seminomadismo surgiram relatos da experiência religiosa de um Deus peregrino que se revela também no acampamento do povo (Gn 18,1-2) e nos pequenos santuários (2Sm 7,6) onde era legítimo prestar culto (Ex 20,24-26). Dignas de menção são as histórias da origem de alguns santuários, ligados às paragens dos peregrinos (Gn 12,2-7; 21,22-31; 28,18-22). Nas narrativas dos livros do Êxodo e Números Deus revelava sua glória na tenda do encontro, na nuvem, quando se estabeleciam ou quando se colocavam a caminho.

Nosso estudo vai deter-se nas narrativas a partir do Sinai, que relatam a presença de Deus e a revelação de sua glória na tenda do encontro e na nuvem, sinais de que o Senhor acompanha a comunidade e se comunica por meio do seu servo Moisés. Analisamos alguns textos de conflito da comunidade contra Moisés e Aarão, após a revelação do Sinai. Nestes textos o Senhor revela sua glória na tenda do encontro também com função judiciária, para castigar os revoltosos (Nm 16,21), porque o povo nessa ocasião se reunia para contestar (Nm 16,19; 17,6-7). São narrativas pós-exílicas, retroprojetadas para o período do deserto, com o objetivo de fortalecer a liderança sacerdotal sobre a comunidade. Por este motivo o Senhor se revela ao lado de Moisés e Aarão, punindo exemplarmente os revoltosos para que ninguém ouse levantar-se contra os líderes, ou tente usurpar a liderança sacerdotal do eleito Aarão (cf. Nm 17,25-28).

### 1. Tenda ou morada: lugar da comunicação do Senhor

O termo hebraico *miskan* significa “morada” que a Vulgata traduz como “tabernáculo”. Trata-se de uma tenda sagrada, um santuário portátil, que o Senhor ordenara a Moisés que construísse (Ex 25,8). Outro termo conhecido e corresponde à morada de Deus é *miqdas*, “santuário”. Porém, *'ohel mo'ed*, “tenda do encontro”, é o termo mais comum que designa o lugar da morada de Deus no meio do povo. Ocorre cerca de 180 vezes no Antigo Testamento, das quais 140 pertencem ao estrato sacerdotal. Em Números o significado mais preciso dessa “tenda do encontro” é ser o lugar do encon-

1. Cf. SCHWANTES, Milton. *História de Israel*. São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 87-88.

tro marcado onde o Senhor se encontra com Moisés e seu povo (Ex 29,42-43; Nm 17,4). O objetivo do encontro com Deus é a comunicação com ele, sua revelação (Ex 29,42; 33,11; Nm 7,89). Por isso, “tenda do encontro” significa tenda da revelação, tenda do oráculo, ou ainda tenda do testemunho. Segundo Westcott três verdades fundamentais estão incluídas na “tenda do encontro”: a presença de Deus, a justiça de Deus, a comunicação de Deus. Com efeito, que nação há cujo Deus é tão próximo como quando o invocamos? (cf. Dt 4,7)<sup>2</sup>. Portanto, a morada ou tenda do encontro é o lugar onde o Senhor conversa com Moisés “face a face” (Ex 33,11), “boca a boca” (Nm 12,8). Quem desejasse consultar o Senhor precisava ir à tenda onde Moisés servia de intermediário entre Deus e a comunidade (Ex 33,7). A tradição mais antiga prefere chamar a “tenda do encontro” com outro termo, “morada” (*miskan*), que designava primeiramente o lugar da habitação temporária do nômade. Mas o antiquíssimo texto de Nm 24,5 e o verbo correspondente em Jz 8,11 (cf. também 2Sm 7,6) deixa claro que *miskan*, “morada”, é um sinônimo de tenda. Segundo Roland De Vaux<sup>3</sup>, os relatos sacerdotais escolheram essa palavra arcaica para exprimir o modo de habitação terrena de Deus, que reside no céu. São relatos da presença de Deus que preparam a doutrina judaica da *Shekiná*, a habitação de Deus, e sua glória no seio da comunidade. O autor do quarto evangelho serve-se da teologia da presença ao tratar do mistério da encarnação: “O Verbo armou uma tenda entre nós e vimos a sua glória” (Jo 1,14).

## 2. A tenda e a Arca da Aliança

Na tradição sacerdotal a tenda do encontro e a arca da aliança estão ligadas, de forma que a tenda do encontro é o lugar da morada da arca em conjunção com o modelo do templo de Salomão projetado para o período do deserto. O que seria esta arca? Na verdade a arca é uma espécie de caixa (cf. Gn 50,26; 2Rs 12,10-11), feita de madeira de acácia (Dt 10,8; Ex 25,10), com aproximadamente 125cm de comprimento, 75cm de largura e 75cm de altura<sup>4</sup>. Nessa caixa eram depositadas as tábuas da lei, o decálogo, ou tábuas do testemunho (Ex 25,16; 40,20), recebidas de Deus (Ex 31,18). Ao se referir à tenda associada à arca, o livro dos Números chamará também de “tenda do testemunho” (Nm 1,50.53; 9,15; 10,11; 17,22-23; 18,2), pois uniu numa só expressão os dois conceitos de tenda e arca do testemunho<sup>5</sup>. Segundo Dt 10,8 a arca, cujo transporte é confiado aos levitas, é chamada arca da aliança, porque ela contém as tábuas da aliança que o Senhor estabeleceu com seu povo (Dt 9,9). Posteriormente foram agregados como conteúdo da arca também o maná (Ex 16,32-34) e também a vara de Aarão (Nm 17,25).

2. Cf. Henton Davies, G. “Tabernacle”, em: *The Interpreter’s Dictionary of the Bible*, vol. 4, p. 498.

3. De Vaux, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 333.

4. Schwantes, Milton. *História de Israel*: vol. 1. São Leopoldo: Oikos, 3. ed., 2008, p. 137.

5. Gallazzi, Sandro. *A teocracia sadocita: sua história e ideologia*. Macapá: Biblioteca de Estudos Bíblicos, 2002, p. 197.

Porém a arca e seu conteúdo, bem como arca e tenda do encontro em algumas tradições, aparecem separadas. Segundo R. Albertz<sup>6</sup>, a arca não era originalmente um mero utensílio de culto, senão um sinal que servia de guia e dava garantia da presença de Deus na luta contra os inimigos (Nm 10,35-36; 14,44; cf. 1Sm 4,3-5; 2Sm 11,11; 15,24-25). Quando a arca chegava ao acampamento israelita, os próprios filisteus, inimigos de Israel, diziam: “Deus veio ao acampamento” (1Sm 4,7). A perda da arca era vista como o afastamento de Deus. Com o sumiço da arca a “glória” era considerada banida de Israel (1Sm 4,22). Segundo Nm 10,33-36, quando a arca parte é o Senhor que se eleva (v. 35). A arca da aliança precede a marcha dos israelitas na sua partida do Sinai e também marca as etapas da peregrinação no deserto. Nesse contexto a arca, independente do seu conteúdo, é sinal que Deus dirige o seu povo.

Quando foi guardada no santuário de Silo e depois no templo de Jerusalém, no lugar mais sagrado, o “Santíssimo”, então a arca passou a ser objeto de culto. Eles a consideravam parte do trono de Deus (cf. 2Sm 6; 1Rs 8; Sl 99,5; 132,7). Mais tarde os teólogos deuteronomistas transformaram sua função em caixa, ou cofre para guardar o decálogo como documento da Aliança (Dt 10,1-5), de onde veio o nome arca da aliança. No entanto, não se sabe ao certo por que o Deuteronomio não menciona a tenda do encontro junto com a arca da aliança. Segundo G. von Rad<sup>7</sup> a ideia teológica do lugar da morada de Deus, ou trono de Deus estava ligada à arca; enquanto a ideia de “encontro com Deus” estava ligada à tenda. Assim a arca enfatiza a imanência de Deus, e a tenda do encontro, a transcendência de Deus que se revela na história de Israel.

### 3. A tenda e sua construção, figura do Templo

Seja a tenda, ou morada como prefere a tradição sacerdotal, parece claro tratar-se da tenda do nômade (Jz 8,11; 2Sm 7,6) para sublinhar a maneira temporária da habitação do Senhor na terra. Nessas tradições o Senhor se manifesta por meio da nuvem (Ex 33,9; 40,34-35; Nm 12,4-10). Segundo uma tradição mais antiga essa tenda ficava fora do espaço do acampamento (Ex 33,7-11; Nm 11,24-30), e segundo a tradição Sacerdotal ficava no centro do acampamento (cf. Ex 25,8; Nm 2,2.17; 5,3). A forma dessa tenda é descrita com pormenores em Ex 26,1-37 e 36,8-38. A existência de um santuário em forma de tenda é atestada também no período dos Juízes e no reino de Davi (cf. 1Sm 2,22; 2Sm 7,2.6). Conforme J. Wellhausen<sup>8</sup> a representação da tenda do encontro em Ex 25–30 e 35–40 seria uma ficção histórica. No período pós-exílico os autores sacerdotais projetaram o templo de Salomão para o tempo de Moisés no contexto da peregrinação do deserto. As dimensões deste santuário no deserto correspondem aproximadamente à metade das dimensões do templo de Jerusalém. Também as divisões da tenda santa correspondem às três divisões principais do Templo (átrio, santuá-

6. Albertz, Rainer. *Historia de la religión de Israel em tiempos del Antiguo Testamento*. Madrid: Trotta, 1999, vol. 1, p. 112.

7. Citado in: Botterweck, JOHANNES G.; Ringgren, H. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, 1977, vol. 1, p. 166.

8. Autor citado in: Childs Brevard, S. *Exodus*. London: Publisher, SCM Press Ltd, 1974, p. 531.

rio, santo dos santos), sendo que o templo de Jerusalém foi entendido como substituto da tenda (2Sm 7)<sup>9</sup>. Os autores sacerdotais aqui utilizam tradições antigas a respeito da arca e da tenda e as interpretam atribuindo a esses elementos antigos o esplendor do templo de Salomão, mas um templo que seria desmontável e que poderia acompanhar o povo na caminhada. O Templo continuava a ser para a comunidade que voltara do exílio o sinal da presença de Deus, bem como o Sábado fora instituído como sinal de identidade do povo exilado. Por isso o texto mostra a generosidade de todos na construção que se encerra no Sábado (a palavra “todos” é repetida 13 vezes em Ex 35!). Moisés recebe ordens divinas de construir o santuário e todos obedecem como uma ordem divina. A fórmula “Moisés falou” se encontra no início de cada parágrafo sete vezes em Ex 25–31 (30,11.17.22.34; 31,1.12), enquanto a frase “Como o Senhor havia ordenado a Moisés” aparece 18 vezes na execução das ordens de Moisés em Ex 35–40 (39,1.5.7.21.26.29.31.32.42.43; 40,16.20-29.32). Como se trata da assembleia peregrinando no deserto, também a construção do santuário é feita para que seja transportável. Por isso o autor menciona com cuidado os “varais”, os “ganchos”, onde são colocados para o transporte das partes desmontáveis do santuário (cf. Ex 25,13-15.28; 27,6; 30,4-5; 37,4-5.14.28; 38,6-7). Em especial Ex 40,18 relata que Moisés levantou o tabernáculo e colocou as suas bases, suas tábuas, os seus varais.

A ideia teológica por trás desses ordenamentos e narrações da construção é que o Senhor transcende o Templo, como lugar do culto, e está preferencialmente no meio do povo e ao seu serviço (cf. Ex 25,8). Embora os autores sacerdotais queiram fundamentar a instituição do Templo e do culto no contexto da revelação divina no Sinai, nos meios proféticos as instituições culturais não parecem essenciais para o acesso a Deus. A fidelidade a Deus depende mais da observância do código da Aliança e os mandamentos, do que nas práticas externas do culto. A ordem da construção do santuário portátil com a participação de todos, significa que a comunidade é o lugar teológico da revelação, mas para o grupo sacerdotal que voltava do exílio a reconstrução do Templo e a insistência na observância da lei e nas instituições culturais era essencial para reforçar a identidade do povo disperso. O fato de o santuário no deserto ser levantado somente quando o povo está de partida (cf. Ex 38,31) indica que os sinais da identidade religiosa do povo disperso não se ligam a um lugar fixo, embora houvessem aspirações de reconstrução de um só templo e um reino unido como nos tempos de Davi e Salomão. O rei, o Templo, o território, sinais da aliança e cumprimento das promessas no tempo da monarquia, foram destruídos com o exílio. Surgiram outros sinais “transportáveis” da presença de Deus no meio do povo. Alguns, porém, nem sempre visíveis. Entre estes sinais se destaca a tenda do encontro com a arca, a circuncisão, o Sábado, e a Lei a ser observada rigorosamente (cf. Esd 7,26).

#### **4. A nuvem guia sobre a morada no deserto**

A nuvem aparece junto com a glória sobre a tenda do encontro como sinal da presença do Senhor que guia o povo. No contexto da parada no Sinai a presença do Senhor

9. Cf. Schwantes, Milton. *História de Israel*, vol. 1. São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 134.

se manifesta quando Moisés termina a obra da construção da morada conforme a ordem divina (Ex 40,2.33): “Então, a nuvem cobriu a tenda do encontro e a glória do Senhor encheu a morada” (Ex 40,34). A mesma presença divina acompanha a marcha no deserto, quando os filhos de Israel levantam a morada: “No dia de levantar a morada, a nuvem cobriu a morada sobre a tenda do testemunho, e de tarde o Senhor estava sobre a morada como coluna de fogo até a manhã” (Nm 9,15). Segundo G. Bernini, “estes fatos estão ligados ao motivo teológico da nuvem na teofania de Ex 24,15-18. Aí a nuvem é sinal da presença de Deus sobre a montanha do Sinai e a glória é o símbolo da própria ação de Deus em favor do povo. A presença de Deus sobre a montanha do Sinai é então transferida sobre a morada no momento da sua ereção mediante o mesmo símbolo da nuvem”<sup>10</sup>. Assim, a morada transportável no deserto torna-se prolongamento da teofania do Sinai. Nm 9,15-23 coloca, portanto, a nuvem como símbolo móvel da presença de Deus para dizer que toda a marcha é guiada pelo próprio Deus através do movimento, ou parada da nuvem. Igualmente como a coluna de fogo que guiava o povo no êxodo (Ex 13,21-22) a marcha do povo acontecia conforme a ordem do Senhor (boca do Senhor). O Senhor que ordenava, também acompanhava a marcha. A sucessão de frases temporais indica ação do povo quase simultânea ao movimento ou parada da nuvem. Eles partiam logo depois que a nuvem se levantava e acampavam conforme o tempo em que a nuvem protetora permanecia sobre a morada. Isso fica evidenciado na pontualidade do cumprimento das ordens do Senhor, nas iniciativas de partir ou acampar. O verbo acampar aparece seis vezes e o verbo partir nove vezes em Nm 9,15-23. Tudo ocorria em obediência à ordem do Senhor. O projeto de Deus não pode ficar parado, pois Ele está presente e com sua palavra desafia as pessoas a desinstalar-se. Deus também não está instalado, e não pode ser aprisionado pelas estruturas. Ele está acima de todas as coisas e, ao mesmo tempo, é o guia supremo dos rumos da história.

## **5. Função judiciária da glória e da nuvem no deserto**

A glória e a nuvem aparecem também no contexto de conflito da liderança de Moisés e Aarão com a comunidade no deserto, após a revelação da Lei no Sinai (Nm 16,16-24 e 17, 6-15). Precisamente significativa é a história da revolta de Coré, Datã e Abiram (Nm 16-17), que enfatiza a derrota e castigo dos revoltosos como se tivessem se revoltado contra o Senhor pelo simples fato de contestarem a autoridade de Moisés e Aarão (Nm 16,3-4). Essa história acaba por enfatizar a autoridade de Aarão, como o único que poderá se aproximar para officiar na tenda do encontro e oferecer o incenso para expiar os pecados do povo. Quando a glória de Deus apareceu, se fez ameaça de castigo iminente dos revoltosos contra Moisés e Aarão. De forma semelhante à história em que Aarão e Miriam (Nm 12) murmuram contra Moisés, o texto acaba por enaltecer a figura de Moisés como mediador, o mais humilde que falava com Deus face a face. Quando a nuvem apareceu subitamente Miriam viu-se coberta de lepra. Portanto, especialmente nesses textos a revelação da glória e da nuvem tem função judiciária de sentenciar o castigo contra os rebeldes. É a revolta dos líderes e do povo que faz

10. Bernini, Giuseppe. *Il Libro dei Numeri*. Torino: Marietti, 1972, p. 101.

aparecer a glória e a nuvem, como sinais da ira de Deus e seu julgamento. A análise mais detalhada de Nm 16,16-24 com Nm 17,6-15 permite perceber melhor o motivo da aparição da glória e da nuvem.

Temos aí uma história de revolta e castigo dos culpados com o gênero literário de aparição da glória do Senhor que vem julgar. Os elementos essenciais são retomados da revolta de Coré e seus companheiros, seguidos da aparição divina em vista do julgamento dos revoltosos (Nm 16,19a.19b-22): a) murmuração e revolta (17, 6-7a e 16,19a); b) aparição da glória na tenda (17,7c e 16,19b); c) ordens do Senhor a Moisés em vista do julgamento (17,10ab. e 16,21.24); d) intervenção de Moisés e Aarão (17,11.12 e 16,22); e) execução das ordens do Senhor (17,12 e 16,25-27a)<sup>11</sup>. O elemento que faz a diferença fundamental em 17,6-15 é a forma da intervenção de Moisés e Aarão. Em 16,22, bastou uma oração de intercessão para salvar a congregação do castigo, enquanto em 17,12 foi necessário o rito da expiação realizado por Aarão para fazer cessar a praga. Na revolta de Coré, Datã e Abiram, Moisés e Aarão haviam intercedido apenas pela congregação inocente (16,22); enquanto na revolta de toda a congregação dos filhos de Israel (17,6-7), a intervenção de Aarão faz cessar a praga que estava caindo sobre todo o povo que havia murmurado e se revoltado contra eles (17,13.15b).

A comparação a seguir entre Nm 17,7-10 e 16,19-22 apresenta com mais detalhes os elementos comuns. São “dois momentos de crise formulados na mais estreita correspondência, seguidos da aparição da glória do Senhor”<sup>12</sup>:

1 – “Enquanto a congregação se reunia contra Moisés e contra Aarão” (17,7a).	“Coré fez reunir contra eles (Moisés e Aarão) toda a congregação” (16,19a).
2 – “E apareceu a glória do Senhor” (17,7d).	“E apareceu a glória do Senhor a toda congregação” (16,19b).
3 – “Então falou o Senhor a Moisés dizendo” (17,9a).	“Então falou o Senhor a Moisés e Aarão dizendo” (16,20).
4 – “Erguei-vos do meio desta congregação” (17,10a).	“Separai-vos do meio desta congregação” (16,21a).
5 – “E eu os aniquilarei no mesmo instante” (17,10b)	“E eu os aniquilarei no mesmo instante” (16,21b).
6 – “Então caíram sobre as suas faces” (17,10c).	“Então caíram sobre as suas faces” (16,22a)

11. Conforme a crítica das fontes, Nm 17,6-15 pode ser um desenvolvimento da camada sacerdotal de Nm 16,19-24 (cf. De Vault, J. *Les Nombres*. Paris: J. Gabalda et Cie Éditeurs, 1972, p. 198). As semelhanças entre os dois textos revelam a origem de uma fonte comum.

12. Blum, E. *Studien Zur Komposition des Pentateuch*, p. 268. O autor coloca em paralelo os dois textos em hebraico, sem maiores comentários das semelhanças e diferenças. Nossa análise mostra que Nm 17,7-10 está articulado com a revolta de Coré, Datã e Abiram, como parte da unidade literária de Nm 16-17.

A narração da revolta crescente com o envolvimento de maior número de pessoas mostra que o julgamento de Deus é também proporcional à extensão da revolta.

A análise mostra que alguns elementos da revolta de Coré, Datã e Abiram, em Nm 16,1-35, são retomados em Nm 17,6-15, para mostrar que a revolta e o julgamento do Senhor se expandiram atingindo grande parte da população. A narração inicia com o verbo murmurar: “E murmurou toda a congregação dos filhos de Israel” (v. 6a). A seguir temos a queixa do povo contra Moisés e contra Aarão: “Vós fizestes morrer o povo do Senhor” (v. 6b).

A acusação tem estilo enfático ao iniciar com o pronome de segunda pessoa masculino plural “vós”. O conteúdo da fala de toda a congregação revela a gravidade da acusação e evoca outras queixas do passado (Nm 14,2; 16,3).

Prosseguindo a narração, o autor retoma o verbo “reunir-se contra” (v. 7a. 16,3a) em uma frase circunstancial, com o sentido de uma ação repetida no passado: “E enquanto se reunia a congregação contra Moisés e contra Aarão” (v. 7a)<sup>13</sup>. Justamente nesse momento é relatado que a nuvem cobriu a tenda do encontro e a glória do Senhor apareceu (cf. v. 7cd).

Em relação à revolta de Nm 16,3, a narração é mais insistente na ação da revolta, ao repetir que o movimento da congregação foi “contra Moisés e contra Aarão” (17,6a.7a). Também a frase temporal com o infinitivo construído como ação repetida no passado indica a frequência das rebeliões contra as lideranças: “Enquanto se reunia a congregação contra Moisés e contra Aarão” (v. 7a). Então a nuvem cobriu a tenda do encontro e apareceu a glória do Senhor (v. 7cd). O aparecimento da nuvem que cobriu a tenda do encontro, seguida do aparecimento da glória, é o elemento novo da aparição divina que ocorre imediatamente à formação da revolta<sup>14</sup>.

A sucessão rápida desses fatos revela que o tempo da história também aqui é mais veloz em vista do julgamento que também é veloz. Com efeito, o castigo pode acontecer imediatamente após a separação de Moisés e Aarão (v. 10b).

Outro aspecto em relação à revolta anterior de Coré, Datã e Abiram é o aumento dos revoltosos. Da revolta dos grupos de Coré, Datã, Abiram e os duzentos e cinquenta (16,1-3), o autor passa rapidamente (no dia seguinte) à revolta de toda congregação contra Moisés e contra Aarão (17,6-7). Os motivos da revolta de Coré, Datã e Abiram eram variados, reunindo grupos com interesses diversos contra Moisés e Aarão (cf. 16,1-15). Agora o motivo da queixa da congregação é único, e mais grave: “vós fizestes morrer o povo do Senhor” (17,6b). O castigo que atingira o grupo dos revoltosos Coré, Datã e Abiram e os duzentos e cinquenta líderes (16,31-35) agora atinge toda

13. A frase circunstancial tem função explanatória (cf. Lambdin, Thomas O. *Introduction to Biblical Hebrew*. London: Darton, Longman & Todd Limited, 1973, p. 164, n. 132). O autor quer lembrar os leitores de que a temática dominante do enredo é o tema da revolta contra Moisés e contra Aarão.

14. Aqui o verbo reunir da raiz *kahal* (“reunir”) no infinitivo construído precedido da preposição *be* indica a inclusão de uma ação no tempo de outra (cf. JOÛON, P. *Grammaire de L'Hebreu Biblique*. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1921, p. 510, n. 1661). A simultaneidade do aparecimento da glória com o início da revolta do povo indica que o julgamento era implacável contra qualquer espécie de rebelião contra as autoridades.

a população, causando grande mortandade. A intervenção de Moisés e Aarão foi a forma de intercessão em favor da congregação (16,22cd). Esta fora salva do castigo mediante a separação dos revoltosos (16,21-27). No segundo relato apenas Moisés e Aarão recebem ordens de separar-se, pois todo povo revoltado está sujeito ao castigo (17,10ab). Não basta uma intercessão de Moisés e Aarão que antes impedira que toda a congregação fosse castigada; exige-se agora um rito de expiação a ser realizado somente por Aarão (17,11). Fica claro que a revelação da glória de Deus resultou em benefício dos líderes para protegê-los e legitimá-los no poder, à custa da ameaça e castigo do povo.

### 5.1. O aparecimento da nuvem e a glória do Senhor em Nm 17,7b.d)

O sinal da presença de Deus como juiz é a glória acompanhada pela nuvem, expressão simbólica da vinda de Deus envolto em seu mistério (cf. Nm 10,11-12)<sup>15</sup>. Das cem vezes que *'anaq* (“nuvem”) se encontra no Antigo Testamento, cerca de setenta vezes aparece ligada às aparições e intervenções do Senhor com sua glória<sup>16</sup>. De fato, *kabod* (“glória”) é a palavra que se encontra com a nuvem nos textos sacerdotais (Ex 16,10; 24,15-18; 40,34-38; Nm 9,15-23; 10,11-12,34). Há também os textos que relatam somente a aparição da glória, mas se subentende também a presença da nuvem (Nm 14,10; 16,19; Lv 9,6.23)<sup>17</sup>.

“A nuvem indica a transcendência e a imanência de Deus. Ao cobrir a tenda, também oculta aquele que a enche com sua glória aí presente”<sup>18</sup>. Por isso, em Nm 17,7, a presença da nuvem que cobre a tenda do encontro é paralela ao aparecimento da glória do Senhor (cf. Ex 24,10; 40,34-38; Nm 10,11-12). Deus surge no céu, “na nuvem”, que desce diante da porta da “tenda do encontro”, local em que se revela a glória de Deus, que também se comunica com o povo (cf. Ex 29,43; 33,7)<sup>19</sup>.

A aparição divina em nosso texto (17,7a) dá-se no momento em que o povo se reúne contra Moisés e Aarão. Por isso o aparecimento da glória do Senhor no contexto de conflito mantém sua função judiciária no enredo, em vista de aniquilar os revoltosos e assegurar o culto representado na tenda do encontro (17,8) e no altar (17,11c). O Senhor, com toda sua glória, aparece como juiz e age a partir da tenda do encontro para trazer a solução dos conflitos (Nm 14,10; 16,19; 20,6)<sup>20</sup>. Nesse sentido a nuvem que cobre a tenda do encontro junto à glória do Senhor (Nm 17,7) é, sobretudo, um lugar revelador (Ex 25,22; Nm 7,89) com uma função oracular.

15. Cf. Auzou, G. *Dalla servitù al servizio*. Bologna: Dehoniana, 1988, p. 187.

16. Cf. Auzou, G. *Dalla servitù al servizio*, p. 185.

17. Cf. Luzárraga, J. *Las tradiciones de la Nube en la Biblia*, Roma: Pontificio Instituto Bíblico, 1973, p. 15-41.

18. Luzárraga, J. *Las tradiciones de la Nube en la Biblia*, p. 151.

19. Cf. Von Rad, G. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Associação dos Seminários Evangélicos, 1973, vol. 1, p. 235.

20. Cf. Crusemann, F. *A Torá*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 494; Von Rad, G. *Teologia do Antigo Testamento*, vol. 1, p. 234-235.

Da nuvem sai a sentença do julgamento dos revoltosos: “Eu os aniquilarei no mesmo instante” (17,10b)<sup>21</sup>. O castigo sobre o povo vem proclamado (16,21; 17,10b) em decorrência das murmurações e revoltas. Outra função da nuvem é proteger a tenda do encontro<sup>22</sup>, diante da qual Moisés veio com Aarão (17,8). A presença de ambos diante da tenda é paralela à outra narração cúlta, em Nm 16,18-19, na qual o povo foi convocado “para a entrada da tenda do encontro” com Moisés e Aarão. Esses textos recordam outras situações em que a nuvem baixava junto da tenda (Ex 33,9-10; Nm 12,5; Dt 31,15). Aqui, a nuvem sobre a tenda tem função protetora, especialmente de Moisés e Aarão ameaçados pela revolta de toda a congregação que investiu contra eles (17,7b). O povo virou-se para a tenda do encontro (17,7b) como gesto de revolta contra seus líderes<sup>23</sup>. Daí a função da nuvem que, além de cobrir a tenda e ocultar a glória, protege Moisés e Aarão, legítimos líderes do povo. Esse aparecimento da nuvem sobre a tenda do encontro também para proteger Moisés e Aarão indica a gravidade do conflito.

De fato, a revolta do povo (Nm 17,6-7) revelou-se mais violenta, pelo teor da queixa “vós fizestes morrer o povo do Senhor” e pela necessidade da presença da nuvem protetora da tenda, impedindo uma possível investida dos revoltosos. Moisés e Aarão recebem proteção e instrução, da parte do Senhor, para se afastarem do meio da congregação dos revoltosos. Através da nuvem protetora cobrindo a tenda com Moisés e Aarão, o culto e o sacerdócio recebem também legitimação divina. A potência santificadora da nuvem sobre a habitação a torna extensão do Templo como morada do Senhor. A cobertura da nuvem sobre a tenda do encontro recorda a teologia sinaítica de Ex 24,16: “A glória do Senhor pousou sobre o Monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias”. A tenda é santificada pela nuvem tornando-se templo modelo, como o Sinai<sup>24</sup>. Assim também o culto e o sacerdócio são santificados e recebem sustentação teológica.

## 5.2. A glória do Senhor no êxodo e no deserto

O termo *kabd* (“glória”) deriva da raiz *kbd*. Como verbo estativo, significa: “ser pesado” ou “tornar-se pesado”. A glória do Senhor indica, portanto, o peso, a honra, a influência do nome do Senhor. A glória nesse sentido é a própria manifestação do ser de Deus presente, seu poder sobre o universo, a criação e a história.

A glória indica que o Senhor pode influir sobre os acontecimentos e dar-lhes novo rumo<sup>25</sup>. Assim o Senhor revela sua glória como poder salvífico na derrota dos

21. Cf. Luzárraga, J. *Las tradiciones de la Nube en la Biblia*, p. 178-179.

22. Cf. Luzárraga, J. *Las tradiciones de la Nube en la Biblia*, p. 81 e 180.

23. Trata-se, pois de um “voltar-se” qualificado. Este sentido parece ser dado pela versão dos Setenta que traduz o v. 7b “e moveram-se contra a tenda do testemunho”, indicando a possível investida do povo contra, pois a preposição ‘*epi*’ seguida de acusativo significa “contra”. A Vulgata coloca os chefes do povo como sujeitos do verbo voltar-se, ao traduzir: “Moisés e Aarão fugiram para o tabernáculo da aliança”. Em nossa interpretação, a congregação é o sujeito de “viraram-se”.

24. A construção do santuário deveria inspirar-se no modelo mostrado sobre a montanha do Sinai (cf. Ex 25,9.40; 26,30; 27,8; 8,4). Por isso, o autor via no templo o modelo do Sinai, como lugar da presença e revelação do Senhor.

25. Cf. Westermann, C. *kbd* (“ser pesado”). Em: Jenni, E; Westermann, C. *Diccionario Teológico Manual Del Antiguo Testamento* I. Madrid: Cristiandad, 1985, 1108-1110; Eichrodt, W. *Teologia del Antiguo Testamento*. Brescia: Paideia, 1972, vol. I, p. 38-39.

egípcios ao passarem o mar (Ex 14,7.17-18), e na peregrinação no deserto, ao dar água (Ex 15,22-25; 17,1-7) e alimento (Ex 16) ao povo<sup>26</sup>.

O aparecimento da glória do Senhor ocorre com frequência no contexto do Sinai (Ex 24,15-18; 40,34-35; Lv 9,6.13; 29,43), com objetivo de fundamentar o culto. Para o Sacerdotal, *kabod* é a revelação da majestade de Deus que Israel encontrou no Sinai. Essa revelação caracteriza o momento fundante do povo de Deus, como assembleia cultual na celebração da Aliança (Ex 24), com a confirmação do culto, do sacrifício e do sacerdócio como instituições sagradas.

Com a mediação de Moisés, Deus ordena a construção da habitação (Ex 25). Uma vez construída, “a glória de Deus encheu a habitação” (Ex 40,34). Assim é confirmado para Israel o lugar santo (Ex 40,34-35). O santuário por sua vez possibilita a ação sagrada que também é confirmada pela aparição da glória do Senhor (Lv 9,6.23). A glória do Senhor continua a aparecer na peregrinação no deserto após a revelação do Sinai (Nm 14,10; 16,19; 17,7; 20,6).

O aparecimento da glória, muitas vezes acompanhada da nuvem, era o sinal da presença do Senhor com o povo em marcha rumo à terra prometida (cf. Nm 10,11-12; 17,7).

Nos textos de aparições antes do Sinai, o povo não era punido por causa das murmurações e nem os líderes por sua pouca fé (cf. Ex 15,22-27; 16; 17). Nos textos após a revelação do Sinai (Nm 14,10; 16,19; 17,7; 20,6), ao contrário, a aparição da glória do Senhor ocorre nos momentos de confronto para punir os revoltosos e aqueles que murmuram contra o Senhor e contra os seus líderes. Cada um desses textos pós-sinaíticos, observa J.L. Ska<sup>27</sup>, caracteriza-se como relato de pecado e castigo. Deus está presente e requer da parte do povo fidelidade. O pecado do povo é possível depois da revelação do Sinai, porque, a partir de então, o povo aceitou livremente as cláusulas da Aliança e todas as legislações cultuais. As transgressões contra essas leis ou instituições cultuais tornam-se ofensas contra o Senhor<sup>28</sup>. A instituição da autoridade sacerdotal ganha *status* de *Torá* revelada e com legitimidade vinda do Senhor. Assim, quando a glória do Senhor aparecia após a revelação do Sinai, nos momentos críticos de conflito, tornava-se então sinal do julgamento de Deus contra os murmuradores e rebeldes (cf. Nm 12,5.9-10; 14,10). Deus, portanto, faz sentir o peso do seu poder e soberania como juiz para punir os culpados<sup>29</sup>. No contexto da teologia sacerdotal, as narrativas da aparição da nuvem e a glória sobre a tenda do encontro se prestam a dar sustentação teológica e aprovação divina à instituição do segundo templo e seu culto centralizado no período pós-exílico.

26. Cf. Ska, J.L. *Israele nel deserto*. Appunti ad uso degli studenti. Roma: PIB, 1989, p. 19.

27. Ska, J.L. *Israele nel deserto*, p. 10. Sobre o comportamento que Israel deve seguir após a revelação do Sinai, para escapar da ira do Senhor, cf. Schart, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 236-237.

28. Cf. Westermann, C. *kbd*. (“ser pesado”). In: Jenni, E.; Westermann, C. *Diccionario Teológico Manual Del Antiguo Testamento* I, col. 1109.

29. Cf. Weham, G.J. *Números*; São Paulo: Mundo Cristão, 1985, p. 128.

### 5.3. A aparição da glória em Nm 16,19b

O aparecimento da glória do Senhor, em 16,19b, é melhor compreensível em conexão com as outras aparições no contexto do êxodo e do deserto. A glória de Deus, em 16,19b, apareceu no momento decisivo do enredo, como sinal de sua presença julgadora. Era uma necessidade, pois Moisés já havia invocado o Senhor na segunda cena contra os revoltosos: “Não voltes para a oferta deles” (16,15c). A forma do jussivo nifal para a aparição da glória expressa a urgência da intervenção do Senhor em vista de revelar suas decisões à congregação que aguarda<sup>30</sup>.

O Senhor coloca-se ao alcance do seu povo, porque a glória aparece a toda congregação na entrada da tenda do encontro (v. 19b). A glória de Deus aparece para revelar que ele está presente e atuante (cf. Ex 25,8) e seu aspecto de honra inclui a aparência de algo que entra pelos olhos. Daí o verbo *wayyare'* no hebraico (jussivo nifal), “apareceu”, “deixou-se ver”. Assim a aparição da glória é conteúdo próprio da teofania do Sinai: “A glória do Senhor parecia aos olhos dos filhos de Israel como fogo devorador sobre o cume da montanha” (Ex 24,17). No Levítico, livro situado no contexto do Sinai, a relação entre *kabod* (“a glória”) e a nuvem tormentosa está indicada também pelo fogo que sai da nuvem e devora o sacrifício de Aarão (cf. Lv 9,6.23-24).

Em nosso texto, o fogo do Senhor também aniquila aqueles que ofereceram um fogo irregular (Nm 16,19.35). Portanto a aparição da glória em Nm 16,19a, relacionada com a teofania do Sinai, indica o esplendor da presença do Senhor que legitima o julgamento iminente dos rebeldes que ofereceram um fogo irregular e tinham ambição de alcançar o sacerdócio.

O sentido da aparição da glória está associado à habitação (cf. Ex 16,7.10; 29,43; 40,34-35; Lv 9, 6.23) e, portanto, legitima especialmente o lugar sagrado da presença de Deus, como um novo Sinai. A teologia da aparição e a teologia da presença de Deus estão interligadas<sup>31</sup>. A glória pode manifestar a gratuidade da presença de Deus que protege e guia o povo através da nuvem. Esta, também, algumas vezes é sinal da ira divina e julgamento (Nm 16,19a.35)<sup>32</sup>. O Senhor está para exterminar o grupo dos revoltosos, incluídos o grupo de Coré, Datã e Abiram e os duzentos e cinquenta líderes. A ordem a Moisés e Aarão de afastar-se da congregação dos revoltosos, desde logo, prepara a ação do juízo final como extermínio. O fogo que normalmente deve consumir os holocaustos (Lv 9,23), como sinal de aceitação, é associado à glória do Senhor como elemento punitivo para queimar um grupo de revoltosos, que também ofereceu um fogo irregular (Nm 16,35). O aspecto da glória do Senhor de fato aparece como um fogo em vista do julgamento (Ex 24,17; cf. Nm 11,1-3). Por outro lado, a glória do Se-

30. Von Rad, G. *Teologia do Antigo Testamento*, vol. 1, p. 238.

31. Cf. Von Rad, G. *Teologia do Antigo Testamento*, vol. 1, p. 236. Nessa perspectiva, ganha significado a teologia do sacerdócio eleito, ligado a um lugar de culto.

32. Sobre os efeitos da aparição da glória, cf. Henton Davies, G. Glory. Em: *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol. 2, p. 401; Eichrodt, W. *Teologia Del Antigo Testamento*, vol. 2, p. 39.

nhor também é sinal de que ele vai aceitar o oferecimento de incenso do grupo de Aarão, como em Lv 9,23: “A glória do Senhor apareceu a todo povo porque o fogo saiu diante do Senhor e consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar”. A glória do Senhor nesse enredo aparece no momento de crise entre os dois grupos, e de protesto contra as lideranças. Eles denunciam a forma autoritária de Moisés e Aarão liderar (Nm 16,3.13). Por isso, a glória preanuncia um castigo terrível (Nm 16,21b; cf. Nm 14,10; 16,19a, 17,7; 20,6)<sup>33</sup>. O Senhor quer consumir toda a congregação em um instante.

Esses julgamentos contra os ímpios demonstram também a santidade de Deus. Somente um grupo privilegiado podia aproximar-se dele<sup>34</sup>, formando um cinturão de proteção e mantendo a ira divina sob controle mediante o oferecimento do incenso e sacrifícios de expiação.

### Considerações finais

À guisa de conclusão pode-se destacar alguns tópicos sobre a presença de Deus nos lugares sagrados e sua atualidade teológica:

1) A história do povo de Israel nos revela que Deus está presente na vida do povo como libertador, protetor e guia rumo à terra prometida. Esta experiência da presença de Deus origina-se no contexto da vida nômade e seminômade dos povos do Oriente Antigo. Os constantes deslocamentos em busca de terra fértil, pastagens, poços de água, deram origem a certos costumes religiosos, ritos, cultos locais, ligados a um Deus presente e também peregrino, que os acompanha na sua luta pela sobrevivência.

O fenômeno religioso se funda na experiência existencial do sagrado, ligada a um contexto sociocultural. Nesse contexto vital as pessoas criam seu espaço de encontro com o divino.

2) A presença de Deus é então reconhecida seja na tenda do encontro, na morada, no santuário, no Templo, porque ali as pessoas se encontram. É na comunidade reunida na tenda do encontro que o Senhor habita (Ex 25,8). Observamos que Deus se revela também acima da tenda do encontro, da morada, ou qualquer outro lugar de culto.

O céu é o trono de Deus e a terra é o escabelo dos seus pés (cf. Is 66,1). Ele transcende as instituições religiosas. “Toda a terra está cheia de sua glória” (Is 6,3). Na tradição profética, Deus se revela acima de tudo por sua Palavra.

3) Nos textos que relatam a caminhada do povo depois do Sinai, a presença de Deus algumas vezes é também julgadora diante da dureza de coração daqueles que se

33. Cf. Ahui, F. *Autorität im Umbruch*, p. 79; Wenham, G.J. *Números*, p. 44.

34. Da mesma forma como o Monte Sinai foi cercado, e qualquer pessoa que ultrapassasse os limites seria apedrejada ou flechada (Ex 19,12-13), assim a *morada* precisava ser separada das tribos que acampavam ao seu redor por um cordão de isolamento composto de sacerdotes e levitas. Estes podiam executar qualquer pessoa não autorizada que se aproximasse (Nm 1,49-3,10).

rebelam contra Deus e também contra Moisés e Aarão. Em se tratando dos filhos de Israel nos relatos de culpa e castigo, os culpados sempre são punidos porque justamente conhecem a lei revelada no Sinai e que foi transmitida por meio de Moisés. A experiência religiosa tanto é da gratuidade e misericórdia de Deus, como do juízo punitivo de Deus presente nas desgraças e catástrofes naturais. Convém ressaltar que a imagem de Deus, que pune aqueles que se revoltam contra Moisés e Aarão (Nm 16–17), provém de textos pós-exílicos, que forjaram uma imagem de Deus ao lado da liderança sacerdotal e insensível às reclamações do povo, bem diferente da verdadeira imagem de Deus do êxodo que ouve o clamor do povo e se compadece (cf. Ex 3,7-8).

4) A tenda do encontro, a morada de Deus e a revelação de sua glória, revelam que o Senhor não está distante da história. Ele se faz presente no meio do povo como um Deus pessoal que se comunica. O motivo da revelação de Deus, mais que santificar um lugar, é a comunicação de sua palavra, de seus desígnios. É o que as pessoas buscam, uma palavra, um oráculo. A tenda é montada pelo povo para ser um santuário sagrado de Deus que caminha com eles e os anima nas lutas pela vida. Nesse sentido a construção da tenda ou santuário é também sinal do clamor do povo que reivindica seu lugar, seu espaço, sua liberdade de ter voz, de sentir-se no seu mundo como sua casa. Um exemplo em nosso tempo foi a montagem da “tenda dos mártires” à margem do Rio Paraíba, próximo ao Porto de Itaguaçu, nos dias 13 a 31 de maio de 2007. Assim o teólogo Agenor Brighenti descreve essa grande tenda: “Era uma grande barraca de lona, decorada com estampas das centenas de mártires latino-americanos, que davam ao local de terra batida um caráter sagrado e convidava a tirar as sandálias e deixar-se contagiar por seu testemunho. Diariamente nesse local havia celebrações, ofício das comunidades, reflexões e missa. Essa iniciativa foi perpassada de mística e profetismo e aconteceu também graças à persistência e apoio de alguns teólogos: Oscar Beozzo, Benedito Ferraro, entre outros. Graças a essa “tenda dos mártires”, a outra “tenda do encontro” – a assembleia dos bispos latino-americanos em Aparecida –, inseria no Documento final o tema das CEBs, as intuições da teologia latino-americana e o reconhecimento do testemunho dos mártires das causas sociais como “nossos santos, ainda não canonizados”<sup>35</sup>. Muitas Igrejas são espaços de liberdade da expressão religiosa, do culto a Deus, da busca de respostas, e também de reivindicação para participar da construção do mundo sonhado, como a grande casa habitável para todos, “uma nova terra” (Ap 21,1).

### Referências bibliográficas

ALBERTZ, R. *Historia de la religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. Volumen I: De los comienzos hasta el final de la monarquía. Madrid: Trotta, 1999.

35. Brighenti, Agenor. Documento de Aparecida. O contexto do texto. In: REB (Revista Eclesiástica Brasileira), Petrópolis, fascículo 268, outubro de 2007, p. 799, nota número 27.

AHUIS, F. *Autorität im Umbruch: Ein formgeschichtlicher Beitrag zur Klärung der literarischen Schichtung und der zeitgeschichtlichen Bezüge von Num 16 und 17*. Mit einem Ausblick auf die Diskussion um die Ämter der Kirche. Stuttgart: Calwer Verlag, 1983. (Calwer Theologische Monographien, 13).

ARTUSO, V. *A Revolta de Coré, Datã e Abiram (Nm 16–17)*. Análise estilístico-narrativa e interpretação. São Paulo: Paulinas, 2008.

AUZOU, G. *Dalla servitu al servizio: Il libro dell'esodo*. 3. ed. Bologna: Dehoniane, 1988.

BERNINI, G. *Il Libro dei Numeri*. Torino: Marietti, 1972.

BLUM, E. *Studien zur Komposition des Pentateuch*. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 1990 (Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 89).

BOTTERWECK, J.; RINGGREN, H. (eds.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol.1-6. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, 1974-1990.

BRIGHENTI, A. *Documento de Aparecida*. O contexto do texto. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 67, fascículo 268, 772-800.

BUTTRICK, G.A. (ed.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible: An Illustrated Encyclopedia*. Nashville & New York: Abingdon Press, 1962-1976. Vol. 1-4 and supplementary vol.

CHILDS, Brevard S. *Exodus*. London: SCM Press Ltd, 1974.

CRÜSEMANN, F. *A Torá: Teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

De VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.

DE VAULX, J. *Les Nombres*. Paris: J. Gabalda et Cie Éditeurs, 1972.

EICHRODT, W. *Teología del Antiguo Testamento*. Vol. 2. Dios y mundo, Dios y hombre. 8. ed. Madrid: Cristiandad, 1975.

GALLAZZI, A. *A Teocracia Sadocita: sua história e ideologia*. Macapá: Biblioteca de Estudos Bíblicos, 2002.

JENNI, E. & WESTERMANN, C. (eds.). *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Vol. I-II. Madrid: Cristiandad, 1978.

JOÜON, P. *Grammaire de l'Hébreu Biblique*. Rome: Institut Biblique Pontifical, 1923.

LAMBDIN, Thomas O. *Introduction to Biblical Hebrew*. London: Longman and Todd, 1973.

LUZÁRRAGA, J. *Las tradiciones de la nube en la Biblia y en El Judaísmo Primitivo*. Roma: Pontificio Istituto Bíblico, 1973.

SKA, J.L. *Israele nel deserto. Ad usum privatum auditorum*. Roma: Pontificio Istituto Bíblico, 1988-1989.

SCHWANTES, M. *História de Israel*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

SCHART, A. *Mose und Israel im Konflikt: Eine redaktionsgeschichtliche Studie zu den Wüstenerzählungen*. Freiburg: Universitätsverlag Schweiz Göttingen Vandenhoeck & Ruprecht, 1990.

VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. I. 4. ed. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1973.

WENHAM, G.J. *Números: Introdução e Comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova & Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1985.

*Vicente Artuso*  
Rua Orlando Maimone, 85  
Vale dos Tucanos  
86046-530 Londrina, PR  
vicenteartuso@gmail.com